

Realidade: Uma narrativa para provocar espanto

Selmar Becker Alves*

Índice

1	Jornalismo: seus fazeres, sua narrativa e suas significações	2
2	Da literatura ao novo jornalismo: uma narrativa para provocar espanto	5
3	A identidade do jornalismo e a literatura	5
4	A construção do espetáculo chamado Realidade	8
5	Interpretando o espetáculo	9
6	Considerações sobre o espetáculo chamado Realidade	13
7	Bibliografia	14

Resumo

Este artigo considera a hipótese que o jornalismo é uma prática política, uma narrativa de fatos resultantes de disputas econômicas, políticas e culturais, bem como sua verdade é construída, portanto, como toda a narrativa, é ideológica. Esta hipótese vai conduzir a análise da narrativa da Revista Realidade, que influenciada pelo Novo Jornalismo americano, assumiu-se como agente político, provocando o espanto, imitando o teatro de Brecht.

*Bacharel em Ciências da Comunicação Habilitação Jornalismo, pela Faculdade Sul Brasil. E-mail: selbecker Alves@uol.com.br

Abstract

This article deals with the hypothesis that journalism is a political practice, a narrative of facts that are the result of economic, political and cultural fights so its truth is built and ideological. This hypothesis leads the analysis of Revista Realidade that influenced by American New Journalism took itself as a political agent making awe as the theater of Brecht.

A Revista Realidade surgiu no final da década de 1960, fez história não só pelos seus quase 500 mil exemplares vendidos, mas pelo seu estilo narrativo. Fez do jornalismo uma prática política. Usou uma estética literária quase teatral. Recriava o real inspirando-se no Novo Jornalismo. A sua narrativa substituiu o naturalismo por espanto, tal qual o teatro brechtiano.

A narrativa apresentada pela Revista expunha o fazer jornalístico mostrando que é no processamento que se constrói o sentido das mensagens. Segundo WOLF (1994), o fazer jornalístico tem suas intenções e estas são conscientes, são baseadas em fatores pré-determinados e passíveis de controle.

Realidade assume seu papel de falante, a sua narrativa toma o lugar das experiências do mundo, fazendo um corte simbólico entre a experiência e o que ocupou o seu lugar, conforme definiu GOMES (2003).

Para tanto, antes de debruçar-se sobre a narrativa da Revista Realidade é preciso primeiramente refletir sobre os processos pelos quais o jornalismo se coloca e se significa, bem como, a relação que a Revista teve com a narrativa do Novo Jornalismo, movimento que surgiu na década de 1960, nos Estados Unidos.

1 Jornalismo: seus fazeres, sua narrativa e suas significações

Para WOLF (1994) é no processamento da notícia que a verdade e sua significação são construídas e que os fatores que as tornam noticiáveis são negociáveis, pois a interpretação da realidade é mediada por uma relação de forças políticas, econômicas e sociais. No entanto, para construir esta significação é necessário descontextualizar os fatos e isso é dado durante o processamento da notícia, ou seja, nos fazeres jornalístico, que requerem escolhas e hierarquizações.

Portanto, logo após a realidade ter sido significada vai ocupar um lugar de verdade com uma narrativa com começo meio e fim, contextualizada na visão de mundo normatizadora dos meios de comunicação que buscam a hegemonia¹ através do seu discurso, agora apresentado como verdade.

É importante destacar que o fazer jornalístico é intencional e torna homogêneo a ética, a técnica e a estética, pois desta forma os propósitos presentes nas mensagens podem ser mostrados, omitidos ou simulados, e nesta articulação se constitui através do jor-

¹O Conceito de hegemonia apresentado nesta discussão se fundamenta na elaboração teórica de Gramsci e reiterada por Eagleton (1997).

nalismo poderes ordenadores e disciplinadores.

O fazer jornalístico mencionado acima segue uma pragmática², ou seja, ele adota as idéias que buscam o efeito prático dos processos produtivos da notícia. E para CHAPARRO (1994), a pragmática apresenta dois elementos que orientam o fazer jornalístico: a intenção e o propósito.

A primeira é o que conduz a ação; a intenção tem um sentido, uma orientação que visa à execução do fazer. Desta forma é uma combinação entre a intenção e o fazer jornalístico. O segundo elemento, o propósito, se caracteriza pelos objetivos de realizar tal ação. Se a intenção se refere ao processo do fazer jornalístico o propósito se preocupa com a função, o papel que este fazer pode ter. Neste sentido, todas as ações são perpassadas por um propósito, e estão voltadas para um determinado resultado.

Na intenção se concentra a consciência do controle das ações do fazer jornalístico e tem seu fim na execução da ação, logo, se as escolhas, as atitudes são conscientes e controláveis se configura a responsabilidade das ações jornalísticas pelas empresas e também pelos jornalistas, enquanto que o propósito está focado no efeito posterior, nos resultados esperados deste fazer.

...se a intenção controla conscientemente a ação quando se trata de comunicação social, em especial quando a ação está na esfera da informação de interesse público, a intenção impõe o caráter moral à ação, e esse caráter moral, por sua vez,

² A idéia de pragmática desenvolvida aqui se orienta nos estudos de CHAPARRO (1994) que se fundamenta nas terias de Teun Van Dijk.

deve estar conectado a um princípio ético orientador. CHAPARRO, (1994, 21).

É importante destacar que para CHAPARRO o princípio ético ao qual se refere pode ser tanto de carácter universal (direito universal de ser informado) quanto às normas internas do processo produtivo da notícia (manuais de redação ou Lei de Imprensa), ou ainda, Código de ética profissional, desde que no fazer jornalístico não se sobreponha “ao dever de investigar, relatar e difundir a informação verdadeira”.

Assim, a ética funciona como ‘liga da intenção’ e da técnica do fazer jornalístico, e, essa combinação vai determinar o padrão estético do relato jornalístico. A estética do relato será tanto mais veraz conforme mostrar, omitir ou simular seus propósitos. Desta forma, a ética, a técnica e a estética são o tripé do processo comunicativo. Para o autor a estética do relato jornalístico para ser veraz precisa revelar ‘o que foi visto, ouvido e sentido pelo mediador’.

WOLF (1994) aponta que é no processo produtivo, através dos valores notícia que se constroem as significações das mensagens e se esvazia o mito da objetividade. CHAPARRO reafirma esta idéia através do estudo da pragmática jornalística que mostra o fazer jornalístico dotado de intenções e propósitos e que o tripé: ética, técnica e estética estão subordinados as estas intenções e propósitos.

Os fazeres jornalísticos confere ao jornalismo um *status* ordenador e disciplinador da sociedade, uma vez que, no processo produtivo da notícia, se descontextualiza histórico, político e socialmente os acontecimentos para posteriormente contextualizá-los na lógica dos propósitos dos operadores da notícia, com isso, constrói-se uma visão de re-

alidade social. Desta forma, quem informa controla a idéia de mundo que é apresenta a sociedade, se legitimando através do discurso constituído como ordenador do que se pensa, do que se discute, disciplinando para sua visão de mundo.

A idéia de discurso presente nesta reflexão compartilha com o pensamento de FOUCAULT, onde o mais importante no discurso não é o que ele diz, mas o sentido, a forma, suas conexões e significações. “... a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (1999, 9).

Se no discurso o que mais importa é sua significação, o seu propósito; é possível dizer que o jornalismo constitui seu discurso nos seus fazeres, no processamento da notícia e o seu propósito é velado. Então o poder de ordenar e disciplinar é um poder simbólico³, representado na forma, na estética do relato jornalístico que tende a estabelecer um sentido de mundo e para se constituir como tal, precisa ser reconhecido, legitimado, ou seja, ignorada a sua face arbitrária.

A fala tem papel fundamental na constituição do discurso, pois é ela que nomeia o

³ A referência de poder simbólico é dada por Bourdieu que tem como função ‘manter ou subverter a ordem’: O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato de mundo (e em particular, do mundo social)... Eles tornam possíveis o ‘*consensus*’ acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração ‘lógica’ é a condição ‘moral’. BOURDIEU, 2000, 10.

mundo que o falante (no caso o jornalismo) deseja que seja visto e tido como real.

Para GOMES (2003), é por meio da linguagem que o falante intervém no mundo, pois ela toma o lugar da própria experiência do mundo. E para que isso ocorra, deve guardar um distanciamento destas experiências. Quando a fala toma o lugar das experiências através das nomeações dadas a ela, não consegue esconder totalmente sua operação, sua intervenção deixa marcas de sua passagem e a isso a autora chama de corte simbólico.

O corte simbólico se dá por uma operação onde a realidade de uma determinada experiência é substituída por outra, no entanto essa substituição só se efetiva se houver uma diferenciação, um distanciamento, ou seja, isolamento de áreas dessa realidade, omissão ou sobreposição de valores, e a essa operação GOMES (2003), denomina ordem simbólica.

Conforme a autora, o discurso jornalístico é perpassado pelo ordenamento do mundo, e esse ordenamento insere o sujeito no mundo social. Desta forma o jornalismo ordena o social, hierarquizando as concepções de mundo que se deve saber, e os sujeitos se submetem a essa ordem simbólica, por meio do discurso jornalístico que tende a organizar as relações sociais. “A esses (os sujeitos) se apresenta uma realidade dada, e não está em poder deles recusá-la; pois o desenvolvimento do mundo conduz aquele que quer acompanhá-lo, e arrasta consigo aquele que se recusa”. (KIERKEGAARD, *apud* GOMES, 2003, 33).

Desta forma, por mais que o indivíduo consiga transcender a idéia de mundo que lhes é oferecida, sempre vai estar no meio de valores oferecidos previamente.

E se os discursos visam construir signifi-

cações para dar sentido ao mundo e as pessoas, é possível afirmar que esse mundo viabilizado pelo discurso visa disciplinar⁴, pois desenha saberes que constituem poderes e é esse poder que vai fazer recortes na sociedade, em um determinado espaço e tempo, no intuito de tornar indivíduos dóceis e produtivos. “As disciplinas veicularão um discurso que será o da regra, não da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra ‘natural’, quer dizer, da norma”. (FOUCAULT, 2001, 189 *apud* GOMES, 2003, 66).

E é isso que faz do jornalismo um dispositivo disciplinador, pois sua significação constrói um fenômeno ideológico, pois naturaliza, torna real, aquilo que a sua narrativa construiu como visão de mundo, fazendo dos sujeitos, corpos dóceis para este mundo.

O Novo Jornalismo propõe desconstruir a lógica ordenadora e disciplinadora intrínseca ao jornalismo tradicional, construindo uma narrativa que expõe sua ideologia e propõe o estranhamento ao seu público.

⁴ “A disciplina é uma técnica de exercício de poder que foi, não inteiramente inventada, mas elaborada em seus princípios fundamentais durante o século XVIII. Historicamente as disciplinas existiam há muito tempo, na Idade Média e mesmo na antiguidade... Os mecanismos disciplinares são, portanto, antigos, mas existiam em estado isolado, fragmentado, até os séculos XVII e XVIII, quando o poder disciplinar foi aperfeiçoado como uma nova técnica de gestão dos homens”. (FOUCAULT, 2001, 105 *apud* GOMES, 2004, 14).

2 Da literatura ao novo jornalismo: uma narrativa para provocar espanto

O Novo Jornalismo foi um gênero jornalístico que surgiu na década de 1960, conjugado com os movimentos da contracultura, nos Estados Unidos, baseado nas novelas americanas, cujos principais protagonistas foram: Norman Mailer, Truman Capote, Tom Wolf, Gay Talese. Tinham como instrumento elementos lingüísticos da literatura. E esta nova linguagem jornalística pretendia por em cheque o mito da objetividade, pois entendia que este padrão era reducionista e não dava conta de apreender a complexidade do realismo social.

O Novo Jornalismo acreditava que a ficção tornava o texto mais flexível, possibilitando uma narrativa mais aberta aumentando o potencial de apreensão do real. Por isso baseava-se na concepção de recriação dos fatos e conseqüentemente, abandonava a idéia de verdade final.

Segundo REZENDE (2002, 63), o Novo Jornalismo se orientava basicamente por quatro técnicas: “construção detalhada da cena, registro completo dos diálogos, ponto de vista em terceira pessoa, registro dos gestos cotidianos e do padrão de vida daqueles sobre os quais fossem ser relatados os fatos”.

FERREIRA diz que a narrativa jornalística é a ‘re-criação do real’, pois faz parte da natureza humana mesclar objeto e sujeito, ou seja, é impossível intervir no objeto sem influenciá-lo pelos valores que perpassam os indivíduos, logo, “... as linguagens têm papel fundamental, destacando-se a palavra como elemento importante na sua unidade (lugar social que desse e de outros ângulos, por

exemplo, determina o que é ou não publicável e como é publicável)”. (2003, 281).

Na medida em que, se afirma que o jornalismo não relata fatos, mas os narra, verifica-se que a narrativa jornalística é um espaço de disputa de idéias de mundo e de ordem social⁵.

O estranhamento é outro aspecto que o Novo Jornalismo pretendia provocar, e este manteve uma identidade com o espanto proposto pelo dramaturgo alemão, Bertolt Brecht. Ambos entendem que seu trabalho faz parte de uma ação política, por isso descartam a possibilidade de naturalização dos conflitos sociais, valorizavam as diferenças e as contradições em suas narrativas para que possa ocorrer o distanciamento.

3 A identidade do jornalismo e a literatura

O ponto de partida do Novo Jornalismo se dá pelo rompimento com a pirâmide invertida, inaugurando um jeito subjetivo de narrar os fatos. Compartilhando sua linguagem com as técnicas de literatura, e para melhor compreender esta relação é preciso entender o que marca essa identidade e no que a literatura inspira o novo gênero jornalístico.

DEMÉTRIO (2004) escreve que tanto o jornalismo quanto a literatura, no que tange a “reconstrução da realidade” não pretende se impor como verdade absoluta, ao contrário a intenção é uma maior aproximação, ou semelhança com a verdade. E ainda, aponta que é na linguagem que se constitui a iden-

⁵ A idéia de que a narrativa jornalística é um espaço de disputa política, onde se firma visões de mundo e se legitima a ordem social, foram reiteradas por BOURDIEU e Gramsci.

tidade entre jornalismo e literatura. “Afirmamos isto, e frisamos, em relação ao plano da linguagem. Isto coloca o jornalismo e a literatura numa relação de identidade a partir da materialidade da linguagem: a palavra”. (2004, 3).

Para a semiótica a palavra é um signo⁶ e este por sua vez é ideológico, então ela não vai ocupar apenas o lugar de onde se fala, nem tão pouco, ser o representante do relato dos acontecimentos, mas sim, vai cumprir o papel de arte, de criar e recriar o próprio fato, assim a palavra constitui a identidade entre o jornalismo e a literatura.

A linguagem literária em diversos aspectos revela afinidades com o Novo Jornalismo, entre elas o propósito comunicativo. Pois, a literatura tolera a subjetividade, os conflitos, então o leitor pode se distanciar da narrativa, não tendo no falante a comunicação da verdade, lhe possibilita interpretar as intenções do que foi comunicado.

Outro aspecto da literatura que guarda uma relação estreita com o jornalismo é o fato que ela vai além de um ‘ato de fala’, ou seja, interage com outros tipos de fala, como, oferecer informação, questionar, fazer proposições, sendo estes fatores que facilitam o entendimento dos leitores que esta é uma narrativa que deve ser interpretada.

A forma como a linguagem se organiza revela os artifícios lingüísticos que possibilitam o reconhecimento de uma narrativa como literatura. E quando esta é reconhecida como tal, o leitor fica propenso a perceber a consonância entre sonoridade e significados, assim as rimas, as estruturas gram-

⁶ A conceituação de signo, aqui apresentada, é trabalhado por Bakhtin em: *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, 2006.

aticais organizam sentidos. E é essa uma das brechas literárias que o jornalismo pretende ocupar para que o seu público possa percebê-lo como narrativas que constroem sentidos.

Para CULLER (1979, 40) uma obra literária tem um objetivo estético não apenas pela função comunicacional, mas por que de alguma forma, ela cativa e induz seu público através da relação forma e conteúdo. O autor pretende mostrar que a relação forma e conteúdo é o que possibilita a linguagem se tornar notícia. Neste sentido, a estética literária tem a preocupação com suas partes, ou seja, o que elas contribuem para o efeito do todo, que pode ser informar ou persuadir.

O Novo Jornalismo ao usar a literatura como instrumento narrativo se propõe a colocar a linguagem em primeiro plano para que a interpretação da narrativa seja múltipla e aberta, tal qual na literatura.

O autor afirma que a literatura é ‘um instrumento ideológico⁷’, que tanto pode servir para legitimar ordens sociais, morais e hierárquicas, quanto ser um lugar onde a ideologia se mostre, como algo que está ali para ser estranhado, olhado com espanto. Desta forma, ela carrega intrinsecamente o poder de se valer como ideologia e ser a própria ideologia um potencial de autodestruição. “Na melhor das hipóteses, ela encoraja o dis-

⁷ O conceito de ideologia ao qual se apresenta é baseado na elaboração teórica de Terry Eagleton (1979) que a discute como um grande leque de significados históricos, que trabalha “no sentido amplo de determinação social do pensamento até a idéia suspeitosamente limitada de disposição de falsas idéias no interesse direto de uma classe dominante. Com muita frequência, refere-se aos modos como os signos, significados e valores ajudam a reproduzir um poder social dominante, mas também pode denotar qualquer conjuntura significante entre discursos e interesse políticos”. (EAGLETON 1997, 193)

tanciamento ou apreciação da complexidade e, na pior, a passividade e a aceitação do que existe”. (CULLER, 1979, 45).

O Novo Jornalismo trabalha com o que este autor chama de ‘melhor das hipóteses’, ou seja, se utiliza da linguagem literária para mostrar a ideologia, suas contradições, para animar o distanciamento, por que enquanto narrativa também constrói significados, e ao contrário do jornalismo tradicional, quer revelá-los.

Tanto a literatura quanto o jornalismo tratam os acontecimentos como ‘realismo social’, desta forma é na narrativa que habita a possibilidade de perceber como pode ser naturalizado as diferenças, as intolerâncias, os conflitos, e a ordem social. O Novo Jornalismo busca na literatura artifícios lingüísticos para induzir o seu público ao estranhamento do que foi mostrado e assim provocar o posicionamento, a interpretação.

O distanciamento a que se referiu até então, remete a outra abordagem do estranhamento, que age em consonância com o Novo Jornalismo, o teatro de Brecht.

BORNHEIM (1992) estudou a estética do teatro de Brecht e apontou que o fundamental no trabalho do dramaturgo alemão não está na arte em si, mas na forma pela qual ela se mostra, e revela as verdades que a constrói e explora os diversos temas. É nesse universo que o Novo Jornalismo se aproxima do teatro brechtiano.

No palco o teatrólogo deixava evidente a contradição de todo qualquer personagem, não queria naturalizar a ficção. Ao contrário arte e fato se mesclavam explicitamente. Queria personagens e público agentes de sua experimentação. Não pretendia naturalizar a miséria humana e a truculência da sociedade, pois entendia que o distanciamento que dese-

java provocar era uma prática política e social.

Para melhor compreender as intenções do teatrólogo é preciso retomar as definições de distanciamento que Brecht tinha como pano de fundo ao desenvolver sua arte, pois entendia que o estranhamento poderia influir no comportamento humano. A primeira consiste em, se distanciar de um acontecimento implica em separar deste o que é óbvio, notório, tudo o que pareça natural, e promover um olhar de ‘espanto e curiosidade’. A segunda trata como a ‘técnica do efeito de distanciamento’ pretende instigar o espectador a uma atitude crítica em relação ao que está sendo visto, por isso a arte era o instrumento. E a terceira provoca um efeito diferente da empatia que faz do habitual algo especial, ou seja, o distanciamento torna a experiência com os acontecimentos do cotidiano algo especial.

O teatro e o jornalismo têm a representação como afinidade. E o que determina a teatralização da informação é a forma como recorta, constrói seu roteiro, a que chama de notícia.

Tanto o teatro como o jornalismo são representações das vivências da sociedade, desta forma a prática política que está colocada para o primeiro se reitera para o segundo, mostrando que ambos não pretendem a neutralidade, ao contrário tem intenções, as quais se revelam na arte brechtiana e no Novo Jornalismo.

Para BRECHT (*apud* BORNHEIM, 1992, 252) o fazer teatro tem uma razão política: “um meio que ajude o homem a dominar-se e a dominar o mundo”. Essa afirmação remete a idéia de um público ativo, que deixe de ser um objeto e se transforme em sujeito.

Nesta razão brechtiana se encontra um dos

fundamentos de Tom Wolfe, protagonista do Novo Jornalismo, que é, narrar um fato é a arte de recriar a notícia, possibilitando novas formas de ler o que foi apresentado e produzir outros significados para aquilo que foi narrado.

Desta forma, ajudar o ‘homem a dominar-se e a dominar o mundo’ de Brecht, passa pela capacidade deste homem apreender outros significados de mundo, não percebidos anteriormente, assim poder assumir-se como sujeito político e intervir ou ‘dominar o mundo’.

O teatro de Brecht assim como o Novo Jornalismo pretende com o distanciamento a substituição de emoções sensacionalistas naturalizadas por ‘espanto’, para poder ver o que se comunica com maior profundidade, refutando o óbvio, imaginando a experiência ali apresentada com outro desfecho, percebendo que outras razões perpassam aquele conflito.

Provocar o estranhamento não é apenas usar uma estética diferente, mas um gesto político que busca uma reação de quem se espanta, por tanto o jornalismo é antes de tudo, uma prática política, por isso o papel do jornalista é determinante. Desta forma, este profissional não é um mero narrador da realidade, é alguém que participa de uma disputa política, ou seja, o que Gramsci chama de intelectual orgânico.

O papel do intelectual orgânico é: “acima de tudo, uma batalha cultural, para transformar a mentalidade popular e difundir as inovações filosóficas que provarão se historicamente na medida em que se tornam concretamente histórica e socialmente universais”. (GRAMSCI *apud* EAGLETON, 1997, 110).

O profissional do Novo Jornalismo aproxima-se deste conceito, pois ao desejar

o estranhamento do público em relação à narrativa, se instiga uma atitude crítica, um ‘dominar o mundo’, como pretendiam Brecht e Gramsci, desta forma o Novo Jornalista é um ‘intelectual orgânico’, usa da sua profissão para provocar o espanto e opor-se ao hegemônico jornalismo tradicional.

4 A construção do espetáculo chamado Realidade

O jornalismo da Realidade pretendia o mesmo que os movimentos culturais da década de 1960: transgredir a ordem social, econômica, política e cultural vigente que tinha um cunho conservador mantido pela mão forte do Estado autoritário, desde o golpe militar de 1964.

Os jornalistas da revista mantinham uma relação de identidade com o movimento cultural, conduzido pelos intelectuais e a classe média brasileira. Realidade tendo como instrumental o jornalismo literário, deu vida e expressão a estes movimentos, oferecendo ao seu público, narrativas que significaram uma época.

As temáticas que foram pauta da revista Realidade eram as mesmas que perpassavam os movimentos culturais do período, a problemática social, a concentração de renda, os valores morais conservadores. Por isso, segundo FARO (1999, 15), os jornalistas da Realidade “respondiam pela marca de esquerda, engajados e militantes”.

A revista pertencia ao Grupo Abril e tinha publicação mensal de âmbito nacional, e teve início em 1966, o primeiro editor de texto⁸ foi Sergio de Souza, diretor de reda-

⁸ Segundo José Hamilton Ribeiro em entrevista ao Jornal Unidade do Sindicato dos Jornalistas de São

ção e proprietário da Editora, Robert Civita, e o redator chefe, Paulo Patarra.

A redação funcionou como cérebro e coração da revista. Segundo FARO (1999), o diretor de redação e proprietário da Editora, Robert Civita, era conhecido como 51 por cento, no entanto, os jornalistas disputavam cada pauta e ao término de cada reunião, dos treze assuntos definidos, onze a redação tinha escolhido, os outros dois era opção do ‘51 por cento’.

Em 1968, a revista Realidade chegou próximo aos 500 mil exemplares vendidos. A meta do Civita, segundo FARO (1999) era atingir um milhão de revistas vendidas, no entanto o Ato Institucional Número 5, não permitiu a conquista desta meta, por que tiveram início as retaliações.

5 Interpretando o espetáculo

A reflexão que segue teve como objeto as matérias de capa da revista Realidade, por entender, que ali está expresso um dos principais fatores de noticiabilidade do jornalismo: a hierarquização. As edições selecionadas foram: n.º. 27 do mês de junho, n.º. 31 do mês de outubro, e a n.º. 33 do mês de dezembro de 1968.

Os critérios utilizados na escolha das edições de 1968 estão vinculados ao fato deste ano ser um marco histórico muito importante, pois foi neste período que a censura imposta pelos militares ganhou força com a promulgação do Ato Institucional n.º. 5.

Nas reportagens de capa da revista Realidade o que tornava um tema potencialmente

Paulo, em 1976, (*in* revista Realidade: Tempo de Reportagem de J.S. FARO), pela primeira vez uma publicação brasileira tinha um editor de texto.

noticioso era seu cunho transgressor da ordem cultural, moral, política e econômica. A revista pretendia responder às polêmicas e inquietações da classe média urbana.

Interessava a Realidade desenhar o cotidiano do homem no sentido antropológico, ou seja, quem era o homem médio brasileiro, como vivia no que acreditava que valores lhe conduziam com que grupos sociais e culturais se relacionavam, enfim descrever o ser humano. Desta forma, propondo outro tipo de ordenamento social.

A edição número 33 de dezembro de 1968 trouxe na capa a reportagem: “Este é o camarada Prestes – Paulo Patarra desceu aos subterrâneos do PC para ouvir, pela primeira vez desde 1964, Luís Carlos Prestes”.

É importante registrar que esta reportagem foi publicada na capa da revista em pleno regime militar, na vigência do Ato Institucional número 5. O mais violento dos atos, que não só censurava e controlava tudo o que podia ser dito, como reprimia violentamente quem ousasse transgredir a mais absurda das censuras. A partir do AI5 a revista, embora tenha resistido ainda por algum tempo, logo teve de abrandar seu ‘tom’ até o fim do projeto editorial original.

No ‘olho’ da reportagem a marca da literatura no jornalismo é evidente:

O carro subiu uma ladeira e foi parando. O homem magro, de chapéu e cachecol, tinha ficado em silêncio as últimas duas ou três horas. Ele fumava muito, o que me permitiu observá-lo um pouco, enquanto acendia seus cigarros, que sempre me oferecia. Impossível ver-lhe o rosto: estávamos na parte de trás do veículo – talvez uma perua Ford, inteiramente fechada – que tinha uma abertura entre a

cabine e o interior, coberta por uma cortina escura que deixava passar o ar, mas quase nenhuma claridade. Com o carro parado, o homem me disse apenas para fechar os olhos, ao mesmo tempo que - sem que eu esperasse - jogou a luz de uma lanterna no meu rosto. Obedeci, a luz era muito forte... (edição 33 dez/1968 pg. 39).

Neste trecho é possível perceber os sinais da narrativa literária, através da construção detalhada da cena e a participação do narrador.

Outro aspecto que revela traços do Novo Jornalismo nas reportagens da Realidade é como é mostrado o processo de construção da narrativa e quem é o seu sujeito. Revela o que CHAPARRO (1994) chamou de intenção, ou seja, o controle consciente sobre a execução do fazer jornalístico.

...Naqueles cinco minutos a sala não tinha relógio e eu, muitas horas antes, deixara o meu em casa, obedecendo o acordo que fizera -, Prestes quase imóvel, lia um livro, enquanto eu punha um filme colorido na máquina russa que levava, na tentativa de 'impressionar' o entrevistado e seus amigos. Ao mesmo tempo, pensava no que perguntar primeiro àquele homem de setenta anos, o mais famoso dos comunistas das Américas... (edição 33 dez/1968 pg. 40).

Observa-se que a reportagem não segue uma linearidade de tempo na narrativa. Depois de narrar o início do diálogo com Prestes, Patarra, volta falar das negociações com o PCB para conseguir a entrevista com o líder do Partido.

Em fins de agosto, o jornal carioca Última Hora publicou uma nota em que afirmava que REALIDADE estava preparando uma reportagem sobre o PCB... - os repórteres tinham uma recomendação: espalhar que estávamos interessados em entrevistar Luís Carlos Prestes.

Alguns dias depois da nota publicada no Rio, a campanha do meu apartamento, em São Paulo, tocou pelas 10 da noite: - Gostaria de conversar com o senhor. É coisa do interesse de sua revista... (edição 33 dez/1968 pg. 40).

A narrativa é livre e rompe com o fator notícia relativo ao formato: introdução, desenvolvimento e conclusão, verificado no jornalismo tradicional.

Outra diferença que se destaca são os diálogos:

... se REALIDADE quer mesmo escrever sobre o Partido Comunista, acho que o senhor precisa me ouvir...

- O que posso lhe oferecer são todos os documentos mais recentes publicados pelo Partido. E o faço, apenas para que REALIDADE não publique inverdades a respeito do Partido, o que, me parece, não é jornalismo sério.

Resolvi blefar:

- Já temos os documentos comunistas... Agora se há por parte dos comunistas uma verdadeira vontade de não esconder o que pensam, diga a eles que o queremos mesmo é entrevistar Luís Carlos Prestes, onde quer que ele esteja. Até na Rússia. O moço perguntou se tínhamos as resoluções do 6º Congresso do PC, se conhecíamos o estatuto...

O meu sim ainda era blefe.

- E o que o senhor acha?
- Não concordo. Luta armada, guerrilha no campo ou terrorismo urbano são crimes contra o Brasil.
O rapaz me interrompe.
- Eu queria lhe dizer duas coisas: um: em tese concordo consigo; dois: essa colocação política não é do Partido. (edição 33 dez/1968 pg. 41).

Neste trecho da narrativa volta a questão apresentada por CHAPARRO (1994), a consciência do controle, da execução do fazer jornalístico, como também à influência do Novo Jornalismo, que é o registro completo dos diálogos.

Quando o rapaz que procura o jornalista demonstra-se preocupado com o que Realidade iria publicar sobre o Partido Comunista, e se propõe a passar documentos, para evitar que se ‘publique inverdades’ e que isso não seria ‘jornalismo sério’. E por outro lado, Patarra usa do blefe para conseguir a entrevista com Prestes; fica claro o propósito: as declarações ‘do velho’ significariam muito mais para a reportagem do que a transcrição de documentos.

O diálogo dos dois revela ainda duas outras questões: a primeira que ambos assumem que o jornalismo é discurso, conforme apontou GOMES (2003), e a outra, associada à primeira, é que o jornalista e o militante travam uma disputa política, e o que está em jogo é que visão de mundo se atribuiria ao Partido, ou seja, que discurso seria construído. Pela manutenção ou subversão da ordem, ou ainda para disciplinar e ordenar.

Expressões como: ‘resolvi blefar’; ‘fiz o jovem entrar e - mentindo – adiantei que a matéria já estava pronta...’ (edição 33

dez/1968 pg. 42), registram a possibilidade do distanciamento. A teatralidade do jornalismo aparece, proporciona o espanto que o teatro de Brecht e o Novo Jornalismo pretendiam.

Este tipo de narrativa aproxima o público do acontecimento, revelando que o jornalismo re-cria o real, e que, a palavra, identidade do jornalismo e a literatura, será o instrumento. Tanto Patarra como o militante do PCB sabiam que a disputa que estavam travando era sobre o sentido da palavra.

Aqui a ficção, como CULLER (1979) afirmava, desobrigou o público a aceitar a narrativa como verdade absoluta, ao deixar claro, que existia uma disputa política pela significação que seria dada, e que a linguagem se tornaria notícia, e este resultado de disputas e negociações de visões de mundo.

A reportagem de Paulo Patarra mostra através da sua narrativa a ausência de um pré-conceito em relação aos comunistas. Reproduz trechos de documentos e do Estatuto, E mais uma vez, agora nas colunas, que deixa aberto uma possibilidade de contrariedade, distanciamento: ‘Prestes uma figura muito polêmica; Um homem morto ainda em vida?’; neste espaço amigos e inimigos fazem comentários a respeito do comunista. Esta deixa pode ser lida também como uma margem de negociação da notícia.

A matéria de capa da edição n.º 31 de outubro de 1968: A Igreja vive um drama: O Celibato, de Gabriel Romeiro; retrata o conflito da Igreja Católica em permitir ou não o casamento dos padres.

O tema abordado é polêmico e envolve valores religiosos e por isso se constitui como fator de noticiabilidade.

Como todas as reportagens da Realidade a marca da narrativa literária abre o texto: “Há

dois anos os alto falantes da paróquia de Pirai, Estado do Rio, pediam aos gritos “o perdão de Deus para o escândalo de um amassamento público”. Nesse dia, o antigo vigário da Paróquia Ciro Monteiro, casava no civil com a ex-presidente das filhas de Maria”. (edição 31 out./1968 pg. 53).

Entretanto se faz necessário apontar algumas questões na reportagem de Gabriel Romero.

Primeiro é importante destacar que a narrativa mostra suas convicções: como ser favorável ao fim do celibato. E que o tema em si se enquadra na noticiabilidade da revista. No entanto, nesta reportagem pouco se observou do Novo Jornalismo, da influência da literatura.

É comum no decorrer da reportagem encontrar sinais do jornalismo tradicional, como citações marcadas por aspas. A presença de recursos narrativos do jornalismo tradicional pode apontar para um sentido de negociabilidade dentro da reportagem.

Também se confirma duas outras questões: a primeira que no Novo Jornalismo as narrativas são resultado do mergulho nas vivências experimental de cada jornalista. A segunda é o papel do profissional no fazer jornalístico, ou seja, quanto mais próximo o profissional estiver do conceito de intelectual orgânico, maior é a possibilidade da narrativa usar do propósito político para promover o estranhamento, e assim ler as múltiplas possibilidades de significados narrados.

A edição n.º. 27 de junho de 1968 registrou a história de dezesseis soldados japoneses, os Kamikazes, que sobreviveram à guerra de 1945.

O texto é de Takao Miyagui e a manchete foi: Eles tinham uma missão: morrer – vivem hoje em São Paulo.

A narrativa segue o estilo literário, transcrevendo diálogos:

- O capitão Kumi passou por Schizuoka e me avisou: “Vá ver seu filho na base aérea de Yonago. Vá depressa, que talvez nunca mais poderá vê-lo”.

... – Pai, não sei quando vou morrer. Pode ser amanhã, ou daqui a um mês. Ninguém sabe quando um Kamikaze vai ser chamado. Você viu meu treino? É só decolar rápido e mergulhar com velocidade. Makita tirou do bolso a fotografia de piloto:

- Guarde como lembrança. Desculpe-me por não ter sido um bom filho... (edição n.º. 27 jun./1968 pg. 109).

Reconstrução da cena:

Eis os Kamikazes

O Sargento Yoshida não tinha vontade de comer sua última refeição. Olhou para os bolinhos de arroz e as conservas de legumes com tristeza, sentiu um vazio no estomago. Estava nervoso, a tensão era muito grande naquele mês de maio de 1945, na Ilha de Tainan, perto de Hanói... (edição n.º. 27 jun./1968 pg. 103).

Ponto de vista em terceira pessoa: “Todos esses homens sorridentes estavam se preparando para o suicídio, quando a guerra acabou, em agosto de 1945. Ao partir para frente de batalha, muitos deles cumpriram a tradição para se despedir da família e dos amigos tomaram *sakê* frio. Hoje, no restaurante, o *sakê* é bem quente”... (edição n.º. 27 jun./1968 pg. 103).

Nesta reportagem é possível perceber que atualidade não é um fator de noticiabilidade relevante para a revista, uma vez que, o acontecimento foi em 1945, enquanto a narrativa

se passa em 1968. Observa-se que o importante é que a história destes homens é de interesse da humanidade. Pois, através delas, é possível fazer outras leituras da guerra e até mesmo dos Kamikazes.

Percebe-se o propósito, segundo CHAPARRO (1994), ou o significativo, conforme GOMES (2003), que o narrador pretende humanizar estes homens, talvez queira propor uma outra leitura, diferente da que os construiu como soldados frios, fanáticos, desumanos.

6 Considerações sobre o espetáculo chamado Realidade

As reportagens de capa analisadas tiveram como pano de fundo um regime autoritário, que com a mão forte do Estado impôs o AI5 – um Ato violento contra todos os direitos democráticos, individuais ou sociais.

Ao observar a narrativa da Revista Realidade verificou-se que os temas abordados pela revista pretendem disputar uma visão de mundo. Para tanto, diferente do que WOLF (1994) considerou sobre o jornalismo tradicional, Realidade não esconde o processo produtivo na sua apresentação; então a construção do sentido é explícita.

Voltando a CHAPARRO (1994), as intenções e propósitos da revista são resultantes da experimentação de cada jornalista com a realidade que irá narrar.

Ao adotar o estilo literário, a Realidade constrói o discurso jornalístico, no intuito de ser a fala do conflito, da polêmica, do estranhamento.

A influência da literatura no jornalismo da revista é evidente. As narrativas exploram a

ficção e a teatralidade informativa para buscar o estranhamento.

Ao narrar um fato, reconstruindo cenas, preservando diálogos... a revista assume que esta re-criando o real, e seu propósito é disputar uma visão de mundo, sem omitir a presença de quem fala: o sujeito narrador.

CULLER (1979), afirmou que é a ficção que dá a literatura outro olhar para o leitor. Nas reportagens com Prestes e a dos Kamikazes esta afirmação toma corpo. Ambas mergulham nos elementos ficcionais da literatura, abrindo caminho para o distanciamento, para a possibilidade de múltiplas leituras.

A elaboração teórica de BORNHEIM (1992), no estudo sobre a estética do teatro de Brecht, verifica-se que o teatrólogo pretendia provocar uma atitude política, e social em quem atuava e em quem observava. E aí acontece o encontro com a Realidade. Narrar é um ato político que pretende mostrar além do que aparenta, é promover uma maior aproximação da totalidade do real, assim instigar no público o espanto, instigar uma atitude. Este intuito significava a época vivida não só pela a revista, mas todos os movimentos culturais, que pretendiam transgredir a ordem conjuntural vigente.

Retomando a hipótese afirmada anteriormente, a revista Realidade narra os fatos, reconstrói o real, e os expõe, desta forma, abre uma lacuna para a dúvida, mostra que a verdade não é única, mas sim construída. Por isso, exhibe o processo produtivo na narrativa, por exemplo, as expressões: ‘negocieie’, ‘menti’, ‘blefei’, na reportagem com Prestes.

Ao narrar um fato, a revista expressa o experimento do jornalista com o real, assim o texto reflete o olhar do narrador, permeado pelos seus valores, crenças e emoções, por

exemplo, quando Patarra diz ao militante comunista que é contra a luta armada. Então a narrativa se configura como resultado da disputa ideológica: que visão de mundo o repórter pode atribuir ao Partido Comunista.

Verificou-se então, que o sentido ideológico se refere ao que EAGLETON (1997) definiu: um grande leque de significados históricos que vão disputar sentidos de mundo e o domínio deste mundo.

Assim, considera-se que a hipótese apresentada anteriormente confirma o jornalismo como narrativa de fatos, portanto ideológica, e instrumento da prática política.

A experiência da Realidade coloca para o jornalismo brasileiro, outra perspectiva, além do modelo tradicional da pretensa objetividade.

7 Bibliografia

- ARRIGUCI JR, D. *Achados e Perdidos*. São Paulo. Polis, 1979
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo. HUCITEC, 2006
- BORNHEIM, G.A. *Brecht: A estética do teatro*. Rio de Janeiro. Graal, 1992
- BOURDIEU, P. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro. JZE, 1997
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico* 3ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2000
- CHAPARRO, M. C. *Pragmática do Jornalismo: buscas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo. Summus Editorial, 1994
- CULLER, J. *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo. Becca, 1979
- EAGLETON, T. *Ideologia. Uma Introdução*. São Paulo. EDUNESP. Boitempo, 1997
- FARO, J.S. *Realidade e o novo jornalismo. Comunicação e Sociedade n° 27*. UMESP/Facom, 1997
- FARO, J.S. *Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Canoas. Ed. da Ulbra/AGE, 1999
- FERREIRA, C.R. *Literatura e Jornalismo, Práticas Políticas: Discursos e Contradiscursos, o Novo Jornalismo, o Romance-reportagem e os Livros-reportagem*. São Paulo. Edusp, 2003
- DEMÉTRIO, S.R. Os Limites do Devir Literatura no Jornalismo. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso no dia 07/09/2006.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso* 5ª ed. São Paulo. Edições Loyola, 1996
- GOMES, M.R. *Poder no Jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar*. São Paulo. Hacker Editores. Edusp, 2003
- GOMES, M.R. *Jornalismo e Filosofia da Comunicação*. São Paulo. Escrituras Editora, 2004
- GRAMSCI, A. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1979
- KRAVETZ, M. Os Jornalistas “Fazem” A História. In DUBY, G.; Le GOFF, J.; ARIÉS, P.; LADURIE, E.; *História e*

- Nova História*. Teorema, Lisboa, pg 84 a 97
- LIMA, A.A. *Jornalismo Como Gênero Literário 2ª ed.* Rio de Janeiro. Agir, 1969
- LIMA, E.P. *Páginas Ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri. Manole, 2004
- MERCADANTE, L.F. Um Garoto Chamado Arthur. *REALIDADE*. São Paulo Ano I n° 11. pg. 64 a 76 .Fevereiro de 1967.
- MOURA, S. O New Journalism e suas relações com a literatura. *Revista Pauta Geral n° 2*. Salvador. Logos Editorial, 1994
- MYAGUI, T. Eles Não Conseguiram Morrer. *REALIDADE*. São Paulo Ano III n° 27. pg. 101 a 115 .Junho de 1968
- PATARRA, P. Este É O Camarada Prestes. *REALIDADE*. São Paulo Ano III n° 33. pg. 38 a 57 n° 33. Dezembro de 1968
- RESENDE, F.A. *Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe*. São Paulo. Annablume. Fapesp, 2002
- RIBEIRO, H. Eis O Candidato Passarinho. *REALIDADE*. São Paulo Ano IV n° 39. pg. 63 a 74. Junho de 1969
- RODRIGUES, A.D. *Comunicação e Cultura: a experiência cultural na era da informação*. Lisboa. Editorial Presença, 1999
- ROMEIRO, G. O Celibato. *REALIDADE*. São Paulo Ano III n° 31. pg. 53 a 66. Outubro de 1968
- WOLF, M. *Teorias da Comunicação*. Lisboa. Editorial Presença, 1994
- WOLFE, T. *Radical Chique e o Novo Jornalismo*. São Paulo. Cia. das Letras, 2005